

ANTI-EPITÁFIO PARA JORGE DE SENA

meço os passos neste quarto
dum hotel com o nome pretensioso dum rei português
lá fora Lisboa é vento e chuva
e a tua ausência

este inverno
tão estranho para mim que chegava sempre em agosto
— eu com o tanto calor de Roma nos olhos tu com as praias
tecnocráticas **made in California** — e a tua casa
do Restelo os teus amigos de desvairadas línguas
em camas improvisadas as corridas nocturnas para o telefone
vozes do outro lado do mundo indecifráveis
e os teus filhos: Paulo Zezinha: os tantos filhos teus
todos os anos diferentes e Mécia longe por quem choravas
— esposa mãe amante — Mécia mulher telúrica
por cada amigo sonhada quase mãe impossível

mas vou pensar-te morto? não posso:
procuro um alibi na distância entre Roma
e Santa Barbara: procuro-te
por estas ruas de Lisboa onde uma chuva subtil
me faz voltar a tantos verões que nos julgavam estrangeiros
nessa tua cidade — com surpresa não ouço
a tua voz (tu que sabias tudo) guiando-me
entre palácios igrejas monumentos: a tua impaciente voz
de quem tinha feito arder dia a dia a vida com paixão

não creio que a morte exista: apenas uma fractura
entre o estar **aqui** e **noutro lado**: como
poderia perceber então teu pensamento
o prazer da luta num coração permanecido menino
a tua agressividade de tímido sem remédio?

queimo um a um todos os ritos para defender-te
ando pelo teu país como um cego — falo
de ti nas entrevistas faço subtis distinções
sobre a tua poesia entre os que te amaram
e os que diários te matavam com o veneno
terrível do silêncio — conferências sobre ti?
sinistras ironias dum amor (filial quase) — conferências sobre ti?
discursos em memória? que burrice
estás vivo Jorge vivo: ora então salta
aqui para esta plateia de vaidade humana
ri-nos nas trombas conta-nos as histórias mais obscenas
mija no chão e ri-te ri-te ri-te
de toda esta canalha que pensa que estás morto

Lisboa, 8/12/1978

(trad. de Fernando Assis Pacheco, Joaquim Manuel Magalhães e João Miguel Fernandes Jorge)